

Entre cesuras: Marina F. R. Ribeiro e os conceitos de intuição psicanalítica e *reverie*¹

Between caesuras: Marina F. R. Ribeiro and the concepts of psychoanalytic intuition and reverie

Ana Fátima Aguiar*

Resumo

Este artigo apresenta as contribuições de Marina F. R. Ribeiro sobre o tema da *reverie*. Segundo a autora, a *reverie* – fenômeno sensorial – seria uma evolução da intuição psicanalítica (via pela qual um inconsciente capta o outro sem nenhum apoio sensorial), ocorrendo entre várias cesuras. Tais proposições expandem as reflexões sobre a implicação e capacidade de escuta do analista, bem como sobre o papel da intersubjetividade nas transformações em análise.

Palavras-chave: *Reverie*. Intuição psicanalítica. Cesura. Psicanálise. Intersubjetividade.

Abstract

This article presents the contributions of Marina F. R. Ribeiro on the subject of reverie. According to the author, the reverie – sensory phenomenon – would be an evolution of the psychoanalytic intuition (the way in which an unconscious captures the other without any sensorial support), occurring between several caesuras. These propositions expand the reflections about the analyst's involvement and listening capacity, as well as on the role of intersubjectivity in the transformations in the psychoanalytical field.

Keywords: *Reverie. Psychoanalytic intuition. Caesura. Psychoanalysis. Intersubjectivity.*

1. Este artigo foi produzido a partir de ideias que compõem a dissertação de mestrado da autora, cujo título é *Entre penumbra e centelhas: nuances da reverie no encontro analítico*, orientada pela prof^a Dr^a Marina F. R. Ribeiro, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). *Psicóloga e psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Pesquisadora/colaboradora do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LIPSIC). aguiar.anafatima@gmail.com

*Do novelo emaranhado da memória,
da escuridão dos nós cegos,
puxo um fio que me aparece solto.
Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os dedos.
É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos,
e tem a macieza quente do lodo vivo.
É um rio. Corre-me nas mãos, agora molhadas.
Toda a água me passa entre as palmas abertas,
e de repente não sei se as águas nascem de mim,
ou para mim fluem.*

José Saramago

A experiência descrita na epígrafe nos apresenta o fio que aparece como solto, mas liga-se ao novelo emaranhado do mundo interno do poeta, com suas memórias e seus nós-cegos. De forma semelhante, fios soltos se apresentam também ao analista que, por meio de sua implicação e capacidade de abertura e acolhimento dos conteúdos emocionais do analisando, muitas vezes já não distingue exatamente a origem das águas que correm por suas mãos.

Nesse mar de águas fluidas nas quais circulam tantos pensamentos-sonhos da dupla analítica, este artigo apresenta as contribuições de Marina Ferreira da Rosa Ribeiro. Norteada pelo pensamento kleiniano, orientada por correntes bionianas e por importantes pensadores contemporâneos como Thomas Ogden, Antonino Ferro, Arnaldo Chuster e Luís Claudio Figueiredo, a autora tem desenvolvido ideias instigantes e autorais sobre a intersubjetividade na situação analítica.

Suas investigações teórico-clínicas ampliam e revigoram o pensamento psicanalítico, pois promovem um diálogo fecundo entre teorias alocadas em tradições distintas. As contribuições de Ribeiro sobre o tema da *reverie* têm se destacado no cenário psicanalítico atual, pois expandem as reflexões sobre a clínica psicanalítica no que se refere às transformações em análise e, essencialmente, à implicação do analista, sua capacidade de escuta e presença na sala de análise.

A psicanalista parte das formulações de Bion de que a *reverie* ocorre via identificação projetiva a partir da capacidade da mãe de acolher e metabolizar os conteúdos não pensados do bebê². O termo vai ganhando uma ampliação

2. Ribeiro (2022) assinala uma única passagem na qual Bion, em uma nota ainda inédita publicada nas *Obras completas*, diz que a *reverie* seria uma forma de fabricar um pensamento, ainda sem pensador (BION, 1968/2014), referindo-se, portanto, não mais somente à *reverie* entre a mãe e seu bebê, mas também à capacidade de *reverie* do analista.

nas produções contemporâneas de autores pós-bionianos, nas quais passa a ser pensado no campo da intersubjetividade.

A autora considera que, em Bion, os conceitos são compreendidos de forma espectral, relacionados entre si, “nascidos” de um movimento contínuo no qual eles se separam e se encontram, fundem-se e distanciam-se. Ribeiro (2022) diz que a identificação projetiva seria a intuição kleiniana de que há uma via de comunicação entre o inconsciente de duas mentes. Dessa forma, considera o conceito de identificação projetiva como um marco, um alvor no vasto campo de investigação psicanalítica. A partir de Bion (1962/1991), a identificação projetiva é ampliada e entendida como uma atividade básica da mente humana para comunicar emoções.

Em muitos de seus trabalhos, Ribeiro afirma que a identificação projetiva foi o conceito que mais teve desdobramentos no cenário psicanalítico, mostrando que uma ideia pode conter em si múltiplos vértices de compreensão em produções de analistas do mundo inteiro. A psicanalista brasileira (RIBEIRO, 2023) sugere ainda que o conceito de *reverie* provavelmente tem o mesmo destino, por sua pregnância clínica e por estar no mesmo espectro de outros importantes conceitos do arcabouço teórico bioniano, entre eles o de intuição, função alfa e de função psicanalítica da personalidade.

A autora (RIBEIRO, 2016) compreende a *reverie* como um estado de abertura, de hospitalidade, uma permeabilidade e disponibilidade mental e emocional para o outro. Ela implica a capacidade imaginativa da mente para sonhar a brutalidade da realidade. Ribeiro reitera a ideia de Ogden (2013) de que, em um primeiro momento, a *reverie* mostra-se como um estado extremamente desorganizador, no qual o analista se sente arrastado por “imagens pictóricas”, termo escolhido pela autora para descrever a imagem “pintada” na mente do analista. e reforça que nem sempre a *reverie* se desdobra na análise como uma construção analítica, narrativa ou interpretação. Mas, ainda que não seja utilizada na sessão, ela sempre implica o analista em um importante trabalho de metabolização dos conteúdos não sonhados na situação de análise.

De acordo com a autora, a *reverie* emerge na mente do analista a partir de um estado de hospitalidade, uma abertura para sermos habitados pelo outro. Como de costume em suas produções, Ribeiro constrói articulações entre a psicanálise e a literatura, sendo este diálogo um importante instrumento de captação e expressão das emoções. Assim, para articular as ideias sobre esse

estado de hospitalidade que deve existir para que a *reverie* ocorra, a autora (2019b) cita uma passagem do poeta moçambicano Mia Couto:

E o segredo é estar disponível para que outras lógicas nos habitem, é visitarmos e sermos visitados por outras sensibilidades. É fácil sermos tolerantes com os que são diferentes. É um pouco mais difícil sermos solidários com os outros. Difícil é sermos outros, difícil mesmo é sermos os outros. (2012, p. 101).

Dessa forma, para que a mente do analista seja habitada pela do analisando, ela precisa estar disponível, aberta, e apresentar-se em um estado sem memória, sem desejo, sem compreensão prévia (BION, 1967/1992), pois cada paciente e cada sessão de análise é sempre uma experiência inédita, que nos implica na tarefa de desbravar o território complexo e enigmático da experiência emocional.

A autora enfatiza que a *reverie* ocorre entre cesuras, ou seja, ela emerge entre as constantes oscilações de estados mentais na sala de análise. Cesura³ é um termo inspirado em Freud (1926/2014) quando, em *Inibição, sintoma e angústia*, cita o vocábulo na célebre frase: “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento poderia nos fazer acreditar” (FREUD, 1926/2014, p. 19).

Há aí, portanto, desde Freud, a ideia de um paradoxo entre ruptura e continuidades. Mas é em Bion (1977/1989) que podemos conferir mais nitidamente a ideia de uma simultaneidade entre tais elementos, dando, então, à cesura um estatuto de conceito quando amplia a compreensão deste quando sugere: “Investigar a cesura; não o analista; não o analisando; não o inconsciente; não a sanidade; não a insanidade; mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a (contratrans)-ferência, o humor transitivo-intransitivo.” (BION, 1977/1989, p. 56)

As cesuras representam, dessa forma, a partir de Bion, a passagem contínua entre estados mentais, num movimento paradoxal que promove ruptura e continuidade. É entre finito/infinito, consciente/inconsciente, não sensorial/sensorial, conhecido/incognoscível, representado/irrepresentável que o trabalho analítico ocorre, em um movimento constante entre esses polos. O analista

3. O termo cesura também está relacionado à estrutura da escrita poética e diz respeito ao espaço entre as estrofes que as separa e, ao mesmo tempo, as conecta, e dessa forma dá ritmo à poesia.

precisa, desse modo, lidar com o não sensorial, que é intuído, ou seja, a intuição psicanalítica é a via pela qual um inconsciente capta o outro sem nenhum apoio sensorial, e dali nasce uma forma, a *reverie*, que emerge entre cesuras na situação analítica.

Para nomear os processos psíquicos envolvidos na experiência emocional da intuição e da *reverie*, a autora privilegia o uso do termo afetação enigmática⁴, pois traduziria a abertura para se deixar afetar pelos sinais de vida psíquica, elementos captados pela intuição do analista na cesura entre consciente/inconsciente e transformados em uma imagem. O analista estaria, portanto, trabalhando entre o sensorial e o não sensorial, entre o disforme e a forma, o inaudível e o que pode ser captado em uma alucinação auditiva, o invisível e o que pode ser visto pelo “terceiro olho da mente”.

O trabalho analítico ocorre, portanto, na cesura entre aquilo que não se apoia a nenhum elemento sensório e aquilo que pôde ser transformado em uma representação pictórica, ou seja, uma imagem que está enraizada no campo sensorial, uma experiência emocional fenomenalizada pela capacidade de *reverie*.

Para Ribeiro (2022), a partir de uma compreensão espectral dos conceitos, podemos entender que há sempre um ponto de indecibilidade, no qual não é possível saber em qual dos dois polos do espectro estamos. Segundo a autora, a imprecisão e a indecibilidade fazem parte das nuances das cesuras constitutivas da mente e comparam-se ao gradiente de cores contido no espectro solar, no qual a passagem de uma cor para outra não pode ser notada com precisão. Muitas vezes, não se pode dizer se é “essa ou aquela” cor, pois há um ponto de indecibilidade no qual é “uma e outra”, entre as cesuras de suas opacidades e transparências.

Portanto, as reflexões bionianas sobre a intuição psicanalítica nos levam, segundo a autora, a considerar a intuição como uma afetação enigmática que ocorre entre diferentes cesuras e que estão em constante oscilação. Pensando com Bion, Ribeiro nos apresenta um modelo de mente multifacetada, constituída por cesuras, ou seja, marcas da constituição do aparelho psíquico que é enredado por separações e continuidades, um trânsito que ocorre a todo mo-

4. Ribeiro (2022) menciona em suas publicações que o termo “afetação enigmática” foi utilizado por Luís Claudio Figueiredo em uma banca de qualificação e a autora o privilegia em suas produções por sua compreensão de que, de fato, o analista é afetado pelo enigmático da experiência emocional na situação analítica.

mento, de um estado mental para outro, movimento que separa, une, estende, e assim cria novos estados mentais.

A intuição, por exemplo, existe enquanto um estado de mente consciente (*awareness*), como uma observação presentificada, mas também como uma experiência inconsciente. Nela, a função alfa atua na experiência emocional em estado bruto, metabolizando o enigmático da experiência, transformando em um elemento onírico, sendo capaz de captar um pensamento não pensado e, a partir desse, criar uma imagem: a *reverie*.

A intuição psicanaliticamente treinada seria, segundo Ribeiro (2023) a escuta do inaudível, a visão do invisível. A capacidade intuitiva não se vincula a uma sensorialidade, mas implica uma capacidade imaginativa da mente, é a capacidade de deixar-se hospedar pela mente do analisando para que ambos possam, entre cesuras, sonhar a brutalidade da realidade. Citando Ogden (2013), a autora ressalta que, quando a mente é imaginativa, ela capta os mais tênues sinais de vida.

Desse modo, Ribeiro (2023) afirma que o estado de intuição é favorecido pela proposição de Bion – sem memória, sem desejo, sem compreensão prévia – estado do qual emerge a *reverie*. A intuição está fora do campo das representações, está em um campo indiferenciado, a *reverie* é um pictograma, está no campo das representações, daquilo que tem uma forma, uma diferenciação.

A autora também sustenta a ideia de que esse estado de receptividade e hospitalidade parece ser, em um primeiro momento, extremamente desorganizador e disruptivo para o analista, pois a *reverie* frequentemente surge como uma experiência de estar à deriva e ser arrastada pela imagem pictórica sem ter a menor ideia do que aquilo representa e para onde irá levá-lo. Porém, um sentido poderá emergir, ainda que no *a posteriori* da sessão.

Mas qual seria então a diferença entre a intuição e a alucinação? Seria a intuição um movimento ligado à parte psicótica da mente? Ribeiro (2022) considera que a intuição ocorre entre a cesura das partes psicótica e não psicótica da mente, ou seja, evoca ruptura, desorganização, turbulência emocional, mas também implica continuidades. Essa é a principal diferença: nos estados de intuição e *reverie*, um sentido pode emergir, e na alucinação, há um estado predominantemente psicótico de mente, no qual não se encontra um sentido.

Para organizar os elementos não sensoriais (intuição) e os sensoriais (imagens/formas criadas pela *reverie*), podemos pensar, em termos bionianos, que

o analista não precisa buscar respostas, mas tolerar esse estado de desorganização e desorientação emocional, mantendo a fé psicanalítica⁵ de que um sentido emergirá daquela experiência que, ainda que carregue consigo aspectos alucinatórios, em um momento posterior, o analista poderá compreender que ela ocorreu pela via da intuição. Nem sempre a *reverie* poderá gerar uma construção analítica, mas ela poderá, posteriormente, favorecer uma compreensão sobre o que se passa no encontro analítico.

Para tolerar esse estado disruptivo, o analista precisa contar com a capacidade negativa, pois, segundo a autora (2020), ela torna o analista capaz de suportar o não-saber e abre caminhos para que a mente do analista seja hospedada pelo outro. E, como no poema de Mia Couto, torna-se capaz de emprestar a si mesmo para que o analisando o habite, pois ser habitado pelo outro gera um intenso estado de desordem, ainda que momentânea.

Sobre a capacidade negativa, Ribeiro (2019b) faz uma analogia à experiência de uma criança pequena, que vê o mar pela primeira vez, experiência na qual não há memória, não há desejo ou necessidade de compreensão. Há apenas a abertura para viver o novo, o desconhecido. Há um estado de receptividade para aquela experiência surpreendentemente inédita.

A autora reitera que tal situação é correlata ao que deveria ser o estado de mente do analista antes da sessão com seu paciente. Consonante às ideias de Bion (1992), Ribeiro reforça que o trabalho do analista exige coragem, e que todo analista deveria sentir medo, pois ele não pode supor quais serão as emoções que circularão em cada encontro analítico.

A psicanalista compara, a partir de Bion (1970) e Chuster (2019), a capacidade negativa a uma película transparente escura que recebe quaisquer impressões, ou melhor, afetações enigmáticas, e a mente do analista precisaria dessa qualidade negativa para apreender tais impressões, a partir de um estado de receptividade, hospitalidade e continência a quaisquer conteúdos da intersubjetividade do encontro analítico.

Complementando a analogia, Ribeiro diz ainda que o processo de “revelação” precisa de um ambiente escuro (o não-saber), um tempo de espe-

5. Ato de fé: “um ato que se realiza no domínio da ciência e que deve ser diferenciado do significado habitual de conotação religiosa. (...). Refere-se à necessidade de o sujeito acreditar que há uma realidade que ele não sabe o que é e que não está a seu alcance.” (ZIMERMAN, 2004, p. 78). Segundo Bion (1970), é a capacidade do analista de esperar que algo possa emergir e dar um sentido à experiência emocional. É um ato “científico” de tolerar o não-saber. Para o autor, é necessário que o analista abra mão de memória e desejo, e que tolere o incognoscível, até que os sentidos se mostrem.

ra para que o negativo se realize, e que a imagem captada (*reverie*) possa ser revelada. Nesse caso, a precipitação da luz (intolerância ao obscuro da experiência) poderia “queimar” o filme. Ou seja, é a partir da capacidade negativa que o analista pode aguardar um sentido emergir no *a posteriori* da experiência.

Para Ribeiro (2017), diante do abismo psíquico que pode se instaurar durante uma sessão, é fundamental que o analista tenha a capacidade de ouvir a si mesmo enquanto ouve seu analisando. A autora traz a ideia bioniana de que o analista está no campo de batalha junto com o analisando, ainda que haja uma assimetria, a condução ética é sempre do analista, sendo este o comandante.

Usando a guerra como exemplo: não se espera que um oficial esteja inconsciente de uma situação aterrorizadora e perigosa; espera-se, no entanto, que ele seja capaz de continuar pensando caso se encontre em uma posição em que surja o pânico, o medo ... Só que não se espera que ele fuja apesar de estar no meio desta tempestade emocional, espera-se que ele continue pensando de modo claro. Deste modo, ele forma um foco, a partir do qual a reação mais disciplinada vai surgir; os soldados não vão fugir, mas vão começar a reagir (BION, 1992a/2000, p. 171).

É neste íterim que Ribeiro (2022) abre caminhos para uma compreensão mais ampla sobre os processos mentais aos quais estão vinculadas as noções de *reverie* e intuição. A autora propõe uma concepção inovadora psicanaliticamente de que a intuição (não-sensorial) se fenomenaliza na *reverie* (fenômeno sensorial), havendo assim uma evolução de um estado de mente intuitivo para a *reverie*. Essa evolução ocorre entre várias cesuras instáveis e oscilantes da mente do analista.

A imagem⁶ abaixo é utilizada pela autora a fim de ilustrar a complexidade conceitual de sua conjectura e iluminar o fenômeno clínico:

6. Disponível em: <[https://br.pinterest.com/pin/299278337712804587/?amp_client_id=CLIENT_ID\('\)&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true](https://br.pinterest.com/pin/299278337712804587/?amp_client_id=CLIENT_ID(')&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true)>. Acesso em: 12 set. 2022.



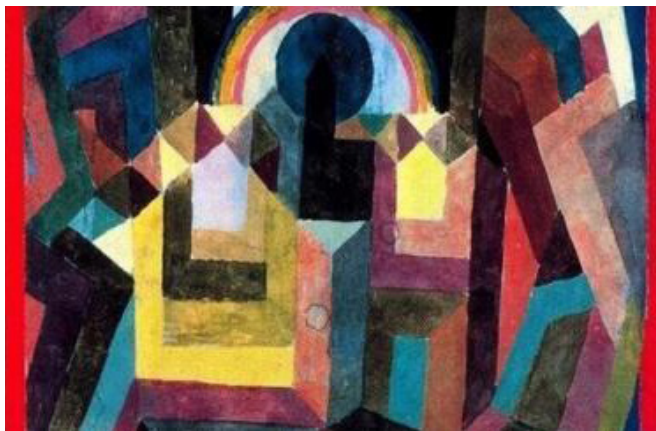
Na foto, o boto que surge justamente no ponto de confluência dos rios Negro e Solimões ilustra as cesuras do encontro analítico, de onde despontam os conceitos. As águas que se juntam, misturam-se num movimento oscilante e contínuo, como o da mente, entre cesuras, entre estados mentais que se unem e se separam, entre continuidades e rupturas.

Ribeiro aponta para o fato de que, na imagem, a parte do boto que emerge da cesura das águas, seria a *reverie*, ou seja, é o que emerge da mente do analista, entre as cesuras, e se fenomenaliza como um ideograma, algo sensorial. Já a parte do boto que está submersa, poderia ser compreendida como a intuição psicanalítica. A capacidade intuitiva é a parte que não é sensorial, não é visível, mas que está lá, dando “corpo” para a *reverie* emergir.

Desta maneira autoral e inédita, a autora conjectura a *reverie* como uma evolução da intuição psicanalítica. Ribeiro (2022) privilegia o termo evolução, pensando-o a partir de Bion, referindo-se àquilo que evolui da sessão, que emerge e ganha forma. Para tal, a autora questiona se a *reverie* tem como esteio a capacidade de intuição do analista, fator primordial da função psicanalítica da personalidade (BION, 1962/1991) e que, segundo Ribeiro, seria uma habilidade fundamental ao analista para que o inaudível e o invisível intuídos possam se fenomenalizar pela *reverie*.

A autora considera a intuição psicanalítica como uma afetação enigmática, que ocorre no fluxo tenaz e constante de estados transitórios de mente, cesuras, e evolui para a captação de um ideograma, uma imagem – a *reverie* – um pensamento imaginativo em busca de um pensador na intersubjetividade do encontro analítico.

Da intuição à *reverie*: revelando a pictografia⁷



“Arco Íris” Paul Klee (1917)⁸

Como nuvens pelo céu
Passam os sonhos por mim.
Nenhum dos sonhos é meu
Embora eu os sonhe assim.

Fernando Pessoa

Quando ouço Paulo chegar à sessão, ao invés de olhar para o relógio para confirmar o horário como habitualmente faço, automaticamente pego em minhas mãos um calendário que mantenho sobre a mesa. É um presente que ganho anualmente de uma amiga, uma artista nordestina muito talentosa, e que todos os anos cria esses calendários, nos quais a ilustração de cada mês é uma de suas pinturas, uma arte impressionista que retrata imagens diversificadas, utilizando incontáveis tonalidades de cores refletidas pela luz do sol.

As figuras representadas são expressivas, vivas, formadas por pinceladas soltas, sem contornos nítidos. Traços marcados por colorações luminosas e vibrantes, criadas pela mistura das tintas que transformam todo o cenário em um fluxo integrado de figuras, sombras, luzes e sinergia. Era setembro e a pintura daquele mês era de uma paisagem de primavera, com flores em tons de turquesa e grená.

7. A palavra “pictografia corresponde a um sistema primitivo de transcrição em que ideias são expressas por meio de desenhos ou figuras simbólicas, por isso foi utilizada para se referir à *reverie* da analista.

8. Fonte: KLEE, Paul. Arco Íris. 1917. Aquarela e tinta sobre papel, 31,1 x 23,8 cm. Zentrum Paul Klee, Berna, Suíça.

Levanto-me da minha mesa e caminho até a porta para aguardar Paulo. Inesperadamente, no mesmo momento que o avisto apontando no início do corredor, me vem à mente uma imagem de um astronauta em meio a uma viagem espacial. Não havia uma nave, apenas o cosmonauta e o cenário cósmico: luminosas galáxias e toda a complexa interação entre a matéria escura e a cintilante vida interestelar.

Sinto-me abduzida por aquela imagem pintada em minha tela mental com tamanha nitidez e perfeição. Penso, como em um *flash*: “A imagem de hoje (referindo-me ao calendário) deveria ser a desse astronauta”. E ainda antes que Paulo chegasse até mim, pensei: “Deve ser pesada a roupa de astronauta⁹ quando este está fora de órbita!”

Percebo-me absorva nessa visão alucinatória, nessa imagem-sonho criada em fração de segundos, que ocupava um lugar importante em minha mente, como se esse processo tivesse durado horas. E os segundos-horas se estendiam e se misturavam ao lusco-fusco das ideias, entre a poeira interestelar e o chão do corredor que Paulo percorria até meu encontro. Fico intrigada com aquele pensamento desconexo, imagino que talvez fosse pelo horário, pois Paulo era o último atendimento daquele dia, eu já devia estar cansada, por isso tal “distração”, *supus*. Tento organizar minimamente a poeira cósmica que cobria meus pensamentos.

Paulo entra, me cumprimenta com um ar mais pesado que o de costume, deita-se no divã, suspira alto, e, numa espécie de descarga diz: “Que alívio estar aqui! Queria até ter sugerido antecipar minha sessão de hoje... estava ficando difícil... minha cabeça tem estado tão dispersa, minhas ideias estão soltas... isso estava me agonizando. É ou não é um dia ideal para a análise?” – e ri um pouco constrangido pelo comentário. Penso: “Que coincidência estarmos ali, entre estados “avoados” de mente... Eu com meu astronauta impressionista pairando fora de contexto em meus pensamentos, e Paulo com sua cabeça dispersa e ideias soltas. Pensamentos flutuantes, suspensos no ar”.

Confirmando minha sensação de que havia se sentido constrangido anteriormente, Paulo se justifica: “Não quero dizer que a análise coloque as coisas no lugar, não é isso... Pelo contrário, às vezes sinto que preciso da análise para conseguir desencaixotar coisas que estavam trancadas em minha mente, sem oxigenação”.

A imagem do astronauta ressurgiu viva. Aquela “imagem-sonho” criada no momento de sua chegada me invade e então lhe digo: “É preciso oxigênio para sair de órbita, não é? E por mais pesada que seja, é a roupa de astronauta que dá a segurança para que ele possa se lançar ao desconhecido, flutuar pela escuridão e descobrir que ela também é habitada por infinitas constelações”.

9. A vestimenta que um astronauta usa recebe o nome de EMU (Unidade Móvel Extraveicular).

Paulo me olha como quem se sente compreendido e complementa: “Sim... Sinto um alívio aqui neste divã. Aqui eu posso voar à vontade, porque sei que estou seguro, sei que vou poder voltar à terra firme”.

Parecia que aquela poeira cósmica que polvilhava o espaço analítico, ao invés de sujá-lo, trazia ideias que se formavam na mesma sinergia que os borrões impressionistas. Ainda que a imagem criada tenha se mantido por algum tempo intrusiva e desajustada, a desorganização mental gerada não me impediu de estar ali com Paulo e valorizar as impressões-sonhos causadas em mim, mesmo sem entendê-las *a priori*. As imagens que se formaram, ora com nitidez, ora com embaçamentos-neblina, foram fruto de um encontro entre mentes. Borrões que iam ligando as cores, as formas e, entre cesuras, algo ia sendo construído em minha mente, me ajudando a pensar a experiência emocional com Paulo. O astronauta era intuído, um inconsciente captando o outro sem nenhum apoio sensorial. Ainda assim, lá estava ele, com suas cores rutilantes.

Uma odisseia conceitual entre pensamentos avoados e imagens-sonhos

Um astronauta orbitando entre a obscuridade dos elementos que invadiam minha mente e a reluzente vida interestelar, entre finito e infinito, entre rupturas e continuidades: cesuras. Como que abduzida pela imagem pintada em minha tela mental, entrego-me a uma sequência de devaneios. Entre eles: “Deve ser pesada a roupa de astronauta quando este está fora de órbita!”

Estaria eu tomada pela arte impressionista de meu calendário, apreciada tão ligeiramente no exato momento que precedia a chegada de Paulo para aquela sessão? Mas por que um astronauta? O cenário artístico retratado naquelas folhinhas era outro, em sua maioria imagens inanimadas como paisagens e flores. Se bem que as imagens me chamavam menos a atenção que as cores e as formas... Essas, sim, me encantavam naquele anuário: entre as sombras, sobressaíam as luzes, a sinergia entre as pinceladas borradas no papel.

Havia tudo isso naquela imagem-sonho que ocupava e se alastrava em minha mente, alterando a percepção do tempo-espaço. Lá estava eu orbitando com meu astronauta enquanto aguardava Paulo caminhar pelo corredor, até chegar ao meu encontro. Por meio de uma *reverie* aquela intuição pôde ser fenomenalizada em minha tela mental.

Em consonância às ideias de Marina F. R. Ribeiro, podemos compreender a experiência da *reverie* na pictografia apresentada como um estado de abertura, de hospitalidade, uma permeabilidade e disponibilidade mental e emocional para o outro. A *reverie* surge como um estado extremamente desorganizador

no qual o analista é arrastado por imagens pictóricas, o astronauta impressionista “pintado” em sua mente. Uma afetação enigmática, termo privilegiado pela autora para descrever o impactante contato com o incognoscível que ali se fazia presente, favorecido por uma abertura da analista para se deixar afetar, e dessa forma, poder acessar os elementos intuitivos, na cesura entre consciente/inconsciente, e estes poderem ser transformados em imagem.

Entre o sensorial e o não-sensorial, entre o disforme e a forma, o desconcerto pela ideia de estar se distraíndo ia, aos poucos, dando espaço para que a escuta se mantivesse aberta e fluida. Estados ‘avoados’ de mente e o astronauta impressionista misturavam-se ao lusco-fusco dos meus pseudo-pensamentos e pensamentos flutuantes naquela viagem galáctica.

A *reverie* se desdobra, então, como uma construção analítica, podendo gerar narrativas e interpretações: “É preciso oxigênio para sair de órbita, não é? E por mais pesada que seja, é a roupa de astronauta que dá a segurança para ele possa se lançar ao desconhecido, flutuar pela escuridão e descobrir que ela também é habitada por infinitas constelações”.

Assim como conjectura Marina Ribeiro, a partir de um estado de abertura e hospitalidade, entre cesuras, a intuição psicanalítica da analista, sem nenhum apoio sensorial, evoluiu para a criação de uma imagem pictórica: a *reverie* do astronauta. Entre tantas cesuras: a sala de espera e a sala de análise; a imagem do calendário criada por minha amiga e a imagem criada em minha mente pelas subjetividades de analista e analisando; as rupturas e continuidades no espaço analítico, a dupla é colocada entre o estar dentro e fora de órbita... tantos elementos sendo captados neste movimento oscilante, contínuo e infinito do encontro entre mentes, estados mentais que se juntam e se separam, entre continuidades e rupturas. Sonhos sonhados entre cesuras.

Por meio de uma comunicação entre as mentes de analista e analisando, pensamentos-sonho fluíam no espaço analítico. Soltos pelo ar, como nuvens que passam pelo céu, os sonhos também passam pela mente da analista. Sonhos intuitivos, no horizonte infinito de emoções que permeiam a análise. A nuvem passageira da intuição que vai se transformando em uma forma, como nas brincadeiras de infância. Um astronauta, *reverie* modelada na mente-céu, por onde passam os sonhos-nuvens da intuição psicanalítica. E assim, analista e analisando viajam juntos pelo espaço, por entre as nuvens e imagens criadas na imensidão celeste, desbravando o desconhecido, expandindo a mente e ganhando novas galáxias.

Tramitação

Recebido 29/03/2023

Aprovado 26/09/2023

Referências

- BION, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Karnac, 1991.
- _____. (1977). Caesura. In: _____. *Two papers: the grid and caesura*. London: Karnac, 1989. p. 51-56.
- _____. (1992a). *Cogitações*. Tradução de Sandler, P. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. (1992b). *Conversando com Bion*. Quatro discussões com W. R. Bion. Bion em Nova Iorque e em São Paulo. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FREUD, S. (1926). *Inibição, sintoma e angústia*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- _____. (1937). *Construções em análise. Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- OGDEN, T. H. *Reverie e interpretação*. São Paulo: Escuta, 2013.
- RIBEIRO, M. F. R. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment: o analista implicado. *Cadernos de psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, 38(35), p. 11-28, 2016.
- _____. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment. In: CINTRA, E. U; TAMBURRINO, G; RIBEIRO, M. F. R. (Org.). *Para além da contratransferência: o analista implicado*. São Paulo: Zagodoni, 2017. p. 41-54.
- _____. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico: a narrativa do analista e a do escritor. *Cadernos de psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, 41(40), p. 169-187, 2019a.
- _____. O texto que ainda não foi escrito e aquilo que ainda não foi vivido. In: CHUSTER, A.; STURMER, A. (Org.). *Capacidade Negativa: um caminho em busca de luz*. São Paulo: Zagodoni, 2019b.
- _____. Da identificação projetiva ao conceito de terceiro analítico de Thomas Ogden: um pensamento psicanalítico em busca de um autor. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 23, p. 57-65, 2020.
- _____. The psychoanalytical intuition and reverie: capturing facts not yet dreamed. *The International Journal of Psychoanalysis*, 103(6), p. 929-947, 2022.
- _____. A intuição psicanalítica e a reverie: captando fatos ainda não sonhados. In: RIBEIRO, M. F. R.; CINTRA, E. M. U. *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos: diálogos bionianos*. São Paulo: Blucher, 2023. p. 115-149.
- SARAMAGO, J. *Provavelmente alegria*. Portugal: Leya, 1987.